



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/negacionismo-relativismo-e-autoritarismo-na-ciencia/>

Negacionismo, relativismo e autoritarismo na ciência: do desmascarar ao agregar realidades

Élida Santos Ribeiro¹

RESUMO: O presente escrito destina-se a pôr em suspensão a premissa de que o fenômeno do negacionismo decorre da “ausência de ciência”, de algo que ocorre “fora” da ciência ou onde a ciência “não chegou suficientemente”. Outrossim, reflete sobre as implicações entre os negacionismos, as verdades científicas como inquestionáveis e os sectarismos da própria ciência. Em que medida a crítica e a desconstrução acrescentam mais “ruínas às ruínas”? O descrédito em relação à ciência não seria tributário, também, de suas posturas dogmáticas e sectárias? Em que medida os negacionismos fermentam inseridos num contexto científico hegemônico que, no lugar de engajar, fundamenta-se na negligência de saberes outros, na afirmação de verdades universais, na obediência, nos sectarismos e na estabilização de fatos e mundos? A partir das reflexões de Costa (2021), Latour (2020) e Freire (1987), bem como de outras e outros interlocutores, apostamos na construção de engajamento, cuidado e emancipação, na direção de empreender diálogos, multiplicações de perspectivas e dimensões, como tentativas de fuga dos pensamentos unívocos, universalizáveis, sectários.

PALAVRAS-CHAVE: Negacionismo. Sectarismo. Relativismo.

Denial, relativism and authoritarianism in science: from unmasking to aggregating realities

ABSTRACT: This writing is intended to suspend the premise that the phenomenon of denial is due to the “absence of science”, from something that occurs “outside” of science or where science “has not arrived sufficiently”. Also, reflect on those obtained between the denials, the scientific truths as unquestionable, and the sectarianisms of science itself. To what extent criticism and deconstruction built more “ruins to ruins”? Wouldn't the discredit in relation to science also be a result of their dogmatic and sectarian postures? To what extent do denials ferment inserted in a hegemonic scientific context that, instead of engaging, is based on the neglect of other knowledge, on the affirmation of universal truths, on obedience, on sectarianism and on the stabilization of facts and



worlds? Based on the reflections of Costa (2021), Latour (2020) and Freire (1987), as well as others and other interlocutors, we bet on the construction of engagement, care and emancipation, in the direction of undertaking dialogues, multiplication of perspectives and dimensions, as an escape from univocal, universalizable, sectarian thoughts.

KEYWORDS: Denial. Sectarianism. Relativism.

INTRODUÇÃO

Se você fica apenas ao nível da evidência, você pode domesticar.

FREIRE, 2011, p. 49

No início da pandemia², durante uma aula de pós-graduação, após uma colocação minha sobre um texto, um professor me disse, alarmado, que o relativismo é que havia gerado o negacionismo. Ao que interpelei, fazendo referência às implicações com formas hegemônicas de fazer ciência, em seus desvínculos, prepotências e regimes de verdade. Aquele discurso me chamou a atenção não só por se ter repetido de outros modos e em outras vozes, mas por constituir, talvez, um dos nós a serem desfeitos para que avancemos nas compreensões e resistências diante dos negacionismos.

A professora, escritora e política brasileira Erika Takimoto (2021), em seu importante escrito *Como dialogar com um negacionista*, faz a seguinte provocação: não buscamos a verdade, mas o conforto. “Tomo aqui como definição de um ‘negacionista’ aquele que nega os fatos, que rejeita a realidade para escapar de uma verdade que lhe traga desconforto” (TAKIMOTO, 2021, p. 28). A autora traz como exemplo os dados do relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) que afirma, entre outras implicações, que o gás metano, advindo principalmente da criação de gado, impacta fortemente o efeito estufa e reflete, a partir desses dados, os escapes ao debate sobre o consumo de carne e sua relação com o aquecimento global. Segundo a mesma, como se trata de um tema sensível, que movimenta crenças e hábitos estabelecidos, tendemos a reagir de forma negacionista, elaborando “malabarismos retóricos” que são utilizados como recurso para evitar a discussão ou para aceitar argumentos baratos quando diversos pesquisadores na área relacionam diretamente a criação de animais de corte ao aumento da emissão de gases de efeito



estufa. E segue propondo que “todos somos negacionistas quando o assunto nos interessa, ou melhor, nos desinteressa” (TAKIMOTO, 2021, p. 28).



Figura 1 – Fonte: <https://blogdoaftm.com.br/charge-verdades/>³

Takimoto (2021) defende, ainda, a ideia de que é necessário perceber que o negacionismo não está somente onde há “falta de ciência” ou “falta de inteligência”, mas inclusive dentro da própria ciência⁴, vide a negação produzida em relação a outros saberes e cosmologias: o etnocentrismo da ciência ocidental é uma forma de negacionismo. Essa temática tem uma implicação visível com os debates sobre a ciência como verdade universal: relaciona-se às possibilidades de a ciência assumir vieses predominantemente dogmáticos, autoritários e sectários ou caminhar numa direção emancipadora e de engajamento.

Nessa direção, caminharemos para pôr em suspensão a premissa de que o fenômeno do negacionismo decorre da relativização das verdades científicas ou ao fato de controverter o prestígio da ciência como verdade inquestionável. Eximir a própria ciência e os cientistas do problema, como se pudessem lavar as mãos diante de algo que ocorre “fora” da ciência ou onde a ciência “não chegou suficientemente”, impede que sejam enfrentadas e transformadas nuances dessa problemática que parecem cruciais, o que será discutido a seguir. Em que medida os negacionismos fermentam inseridos num contexto científico hegemônico que, no lugar de engajar, fundamenta-se na negligência de saberes outros, na afirmação de verdades universais, na obediência, nos sectarismos e na estabilização de fatos e mundos?

VERDADE COMO PARTILHA SOCIAL: AUTORIDADE OU ENGAJAMENTO?



Algumas pesquisas no meio científico têm associado os fenômenos de pós-verdade e do negacionismo como sendo menos impactados na opinião pública pelos fatos objetivos do que por emoções, valores e crenças pessoais (BARCELLOS, 2020; ROSA, ALVES-BRITO e PINHEIRO, 2020; TAKIMOTO, 2021). Segundo a professora Marcília Barcellos (2020), atribuir a crise de verdade às chamadas teorias pós-modernas, por exemplo, configura um equívoco na medida em que o baixo alcance popular dos debates e embates científicos – acerca da objetividade, neutralidade e universalidade da ciência, por exemplo – impede que essas discussões tenham impactos significativos nas visões do grande público. As discussões sobre a ciência como conhecimento construído política, social e culturalmente, segundo a autora, muitas vezes não chegam nem aos próprios cientistas. A autora defende que essa crise da verdade – que se intensifica e ganha notoriedade com a pandemia de COVID-19 e com a ascensão de líderes de extrema-direita – tem íntima relação com os modelos autoritários de ciência e de educação, na medida em que não permitem o diálogo genuíno e a coexistência de diferentes visões de mundo.

De forma monumental, a ciência só pode ser percebida como mais um discurso dogmático dentre outros tantos que habitam a vida comum das pessoas. E quanto menos a ciência dialogar com os anseios e problemas reais da vida e do sofrimento das pessoas, menos poderá compor nas escolhas democráticas (BARCELLOS, 2020, p. 1509).

Esse autoritarismo da ciência, ainda segundo a referida autora⁵, constitui-se de forma dupla: a partir da dicotomia sujeito-objeto, busca dominar a natureza – que concebe fixa e fora de si; e um segundo autoritarismo que os imperialismos do capitalismo global consolidam em colonizados e colonizadores, subjugando povos não brancos e não europeus e destituindo suas culturas e cosmogonias. A esse respeito, as(os) professoras(es) e militantes Katemari Rosa, Bárbara Carine Pinheiro e Alan Alvez-Brito (2020) tecem uma discussão profunda no artigo *Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista*, em que discutem a pilhagem epistêmica (epistemicídio) e ocultação, pela educação científica, de fatos objetivos como a contribuição dos negros e negras para a agricultura, mineração e outras tantas tecnologias – em função de conveniências políticas, econômicas, culturais e sociais, que outrora também difundiram o racismo científico. Dessa forma, segundo as autoras e o autor, não faltaram fatos objetivos, mas posturas políticas e pessoas “credenciadas como cientistas” que validassem tais conhecimentos junto à comunidade científica e à sociedade. Assim, o que foge às premissas estabelecidas pelo pensamento ocidental



universalizado é descartado por sua forma, métodos, conteúdos ou cosmologias, configurando um negacionismo dentro da própria ciência:

[...] o ensino de ciências, que sempre foi pautado numa lógica científica branca que nega o conhecimento produzido por corpos negros, posiciona-se nessa discussão negacionista do “outro”. Argumentamos que, no que concerne à própria estruturação da argumentação científica e de seu *status quo*, a Ciência Hegemônica — eurocêntrica e branca — é, por si só, um estado de pós-verdade para pessoas negras e suas epistemologias (ROSA, ALVES-BRITO e PINHEIRO, 2020, p. 1442).

Dessa maneira, ao pensar os negacionismos, parece crucial refletir os caminhos hegemônicos da ciência — em sua suposta neutralidade, em seus processos hegemônicos e autoritários, em seu caráter excludente de outros saberes e cosmologias —, não isentando-a da perda de confiança e de adesão entre o grande público. Outrossim, cabe discernimento ao fazer essa crítica aos modelos científicos convencionais, já que as pesquisas e os consensos científicos são elementos de inestimável relevância quando tratamos de saúde pública, tecnologias, comunicação — ressaltando-se que os desenvolvimentos social e econômico não se dão espontaneamente a partir do desenvolvimento científico e tecnológico, visto que, sociedades estruturalmente desiguais como as capitalísticas distribuirão seus recursos técnico-científicos, sociais e econômicos também de forma desigual (AULER; DELIZOICOV, 2015). Ademais, cumpre pontuarmos, ainda que pareça notório, as conveniências político-econômicas de um cenário de desconfiança que coloca a ciência em xeque, já que os discursos falaciosos pretendem equiparar-se com os discursos científicos alegando tratem-se, ambos, de questões de opinião. Acontece que esses discursos autoritários, que apoiam-se na desinformação, apropriam-se, em certa medida, de algumas das críticas interpostas à ciência para engendrar distorções convenientes.

Em novembro de 2021, em uma matéria da corporação BBC News Brasil (GRAGNANI, 2021), apresenta-se o caso de um professor aposentado da Universidade Federal de Alagoas, Luiz Carlos Molion, que viaja o Brasil proferindo palestras em que alega que o aquecimento global é uma farsa e que a redução das emissões de CO₂ é inútil. “Segundo Molion, ele dá 50 palestras por ano, ‘a grande maioria, 80%, 85% para o agronegócio’, cobrando R\$ 4 mil por cada uma” (GRAGNANI, 2021). Na reportagem, destaca-se também um outro professor e pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), o meteorologista Ricardo Felício⁶, que defende as mesmas ideias e, segundo o qual, o objetivo dessa “farsa” seria congelar a economia dos países em desenvolvimento. Apesar de o



aquecimento global ser praticamente um consenso na comunidade científica mundial, de acordo com a reportagem, algumas associações envolvidas com o agronegócio, como a Cooperativa Agrícola de Unai (Coagril), Associação Avícola de Pernambuco (AVIPE), Cooperativa de café Coobriel, Sindicato Rural de Canarana, entre outras, financiam palestras como essas, direcionadas especialmente a estudantes de agronomia e produtores rurais.

Nesta direção, Bruno Latour (2020), em seu escrito *Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse*, indaga-se, afinal, se estaria – ou estaríamos – mirando no alvo errado, diante dos seus esforços na direção de notabilizar como os fatos científicos são também produzidos, como construções sociais, em meio a jogos de poder – e, portanto, não cabendo serem tomados como verdades universais. O autor reflete sobre ter passado muito tempo tentando demonstrar a falta da certeza científica, propondo pensar que, talvez, as coisas tenham mudado muito rapidamente, e problematiza o excesso de desconfiança na contemporaneidade: “Passamos anos tentando detectar os verdadeiros preconceitos ocultos por trás da aparência de declarações objetivas, e agora precisamos revelar os fatos reais, objetivos e incontestáveis escondidos por trás da ilusão de preconceitos?” (LATOURE, 2020, p. 177). O autor pergunta-se, dessa maneira, para onde apontamos ao adicionar “desconstrução à destruição”, inquieto com as apropriações indesejáveis das incertezas e com as controvérsias mantidas artificialmente – citando o exemplo do aquecimento global, mas que pode ser extrapolado para o fenômeno do negacionismo, de forma geral – para beneficiar o pior tipo de ideia.

É claro que as teorias da conspiração são uma deformação absurda dos nossos argumentos, mas, assim como armas contrabandeadas através de uma fronteira nebulosa para a facção errada, estas ainda são as nossas armas. Apesar de todas as deformações, é fácil reconhecer, ainda gravada no aço, nossa marca registrada: *Made in Criticalland* (LATOURE, 2020, p. 180).

Fazendo alusão às luzes iluministas que foram se apagando depois de criticar e desmascarar poderes e ilusões, o autor então coloca um deslocamento da crítica: do desmascarar ao proteger e cuidar. Acrescentar realidade em vez de subtrair. A partir dessa reflexão, propõe uma reconfiguração de estratégia diante das mudanças conjunturais, em que o maior perigo não estaria tanto em confiar excessivamente, mas no excesso de desconfiança.



Figura 2 – Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>

Segundo a pesquisadora Alyne Costa (2021), a partir dos anos 80, contemporaneamente às preocupações mais visíveis com as mudanças climáticas, intensificam-se os questionamentos sobre a existência da neutralidade científica – que passaram a conceber a verdade não mais como uma descoberta ou representação fiel da realidade, mas como uma criação, uma certa fabricação de fatos inserida em dinâmicas de poder. Por que, por exemplo, mesmo com um consenso científico de praticamente 100% sobre os perigos do aquecimento global, os esforços para negá-lo ainda vigoram? (COSTA, 2021). Além dos interesses econômicos e políticos envolvidos na manutenção da alienação em relação a essas e outras questões – acompanhadas pela emergência da extrema direita em diversos lugares do mundo –, buscaremos discutir outros aspectos nessa problemática. Apesar do que chama de “brisa relativista” ameaçar a solidez científica e destituí-la da exclusividade sobre a verdade, a autora nos ajuda a dar conta de que:

[...] reagir ao negacionismo climático invocando “a verdade científica” do aquecimento global equivaleria a tentar dirimir a controvérsia recolocando a ciência na posição de autoridade incontestável. Uma estratégia tão equivocada quanto impotente: a ampla aderência ao negacionismo e a outros conspiracionismos (terrapianismo, movimento antivacinas etc.) que testemunhamos hoje não se explica simplesmente por tolice ou falta de informação, mas pela perda de confiança na ciência e na verdade por ela produzida. Nesse contexto de desconfiança generalizada, o atalho oferecido pelo par de opostos verdadeiro/falso, do qual a ciência historicamente lançou mão para desqualificar qualquer visão de mundo não-científica, agora se volta contra ela própria pelas mãos de seus detratores (COSTA, 2021, pp. 42-43).



Tendo em vista a necessidade de legitimar as “verdades dos outros”, reconhecendo outras cosmovisões e formas de existência – que fogem aos padrões científicos hegemônicos ocidentais – e, ao mesmo tempo resistir às “verdades inconvenientes” reivindicadas por “certos outros”, que alimentam o negacionismo como forma de estabilizar as formas de poder e de exclusão, a autora propõe que se pense um relativismo consequente para, especialmente, “comparar e avaliar as consequências das verdades em circulação” (COSTA, 2021, p. 44) e buscar pensar “verdades suficientes”, multidimensionais, plurais, que recorram ao engajamento mais que à imposição. Verdade suficiente seria aquela “capaz de produzir convergências pragmáticas sem aplainar divergências ontológicas e políticas e que não tem medo de ser interessada, fabricada, produzida no mundo, com o mundo e com os seres que dele participam” (COSTA, 2021, p. 47).

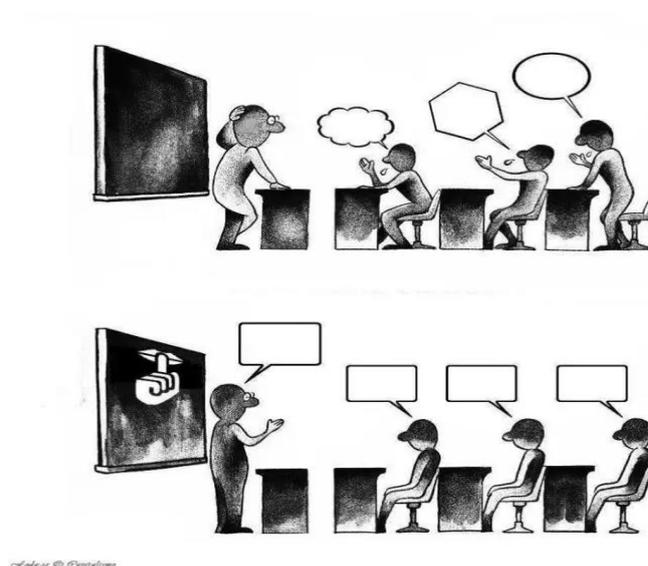


Figura 3 – Fonte: <https://mundodeoz.wordpress.com/>

Para a autora, a crise de verdade que vivemos está inserida numa outra maior, a crise de confiança nas instituições, em que a verdade, arrogando-se universalidade e alienando-se da realidade que pretende compreender e transformar, produz desvínculos, e não pertencimento. As verdades que cuidam e vinculam se fazem no mundo “sendo tanto mais legítimas quanto mais se mostram úteis para construir a realidade em que vivemos” (COSTA, 2021, p. 44). A capacidade de responder



satisfatoriamente a um problema, segundo a autora, envolve engajamento, produção de confiança e de comunidade, já que a produção de verdades (ou veracidade) demanda consistência e partilha social para ser sustentada. Colocar o conhecimento à prova das demandas reais, com suas implicações, não é comparar um conceito com a realidade “representada”. Nesse sentido, para chegar às verdades suficientes é necessário fazer-lhes perguntas: resiste à prova dos contextos em que se inserem? Produzem cuidado, engajamento e comunidade?

[...] será que determinada ideia, definição ou hipótese que postula candidatura à verdade reflete a pluralidade de agências, movimentos, preocupações, expectativas envolvidos numa questão? Tal proposição oferece respostas factíveis, confiáveis e responsáveis para lidar com o problema que nos interpela, que colocou em xeque a forma como pensávamos e agíamos no mundo até então? [...]

É sobretudo esse último critério que não é atendido pela “verdade” dos negacionistas. Mais que acompanhar os movimentos do mundo, sua atitude expressa o desejo por uma verdade que o estabilize, que suprima as contradições e reduza sua complexidade; é o desejo por uma verdade imutável que, paradoxalmente, faz proliferar as “verdades alternativas”. Nas disputas em que se envolvem, o mundo não aparece como capaz de suscitar fascínio, cuidado ou apreensão; ao contrário, ele é aquilo que precisa imediatamente voltar a não importar, submetido à autoridade de uma verdade tranquilizante, porque **válida de uma vez por todas** (COSTA, 2021, p.46, grifo nosso).

Dessa maneira, Alyne Costa (2021) contribui para considerarmos as implicações das imposições de verdade com os fenômenos dos negacionismos. Para a autora, toda verdade incontestável é uma mentira de autoridade: certezas pré-estabelecidas vão na contramão do processo de construção de verdades suficientes, diferentemente das resistências que contribuem para a amplificação do debate, que movem a repensar verdades satisfatórias até então.

Reunindo mais elementos para refletirmos esse autoritarismo, Bruno Latour (2020), mais adiante, faz provocações cirúrgicas sobre como o próprio “espírito crítico” age de forma soberba tanto sobre a credulidade, *desmascarando* (!) os fetichismos em relação aos objetos e fatos (nos quais não creem) de suas projeções; mas agindo com a mesma arrogância sobre os incrédulos, apresentando as questões de fato quando convém, mesmo se forem necessários argumentos causais, explicações mecânicas e positivistas. “E essa é a razão pela qual, quando queremos respeito, solidez, obstinação, robustez, todos nós preferimos nos ater à linguagem das questões de fato, apesar de seus defeitos já bem conhecidos” (LATOURE, 2020, p. 193). O crítico está sempre certo! No afã por manter o



crítico, investimos ao mesmo tempo em *desmascarar* tanto os *fatos em si*, por serem carregados de construções sociais e simbólicas, quanto um terraplanista, acusando-o de negar os *fatos*. “O Zeus da Crítica reina absoluto, isto é certo, mas o faz sobre um deserto.” (LATOURE, 2020, p. 192).

No mais, empreendemos guerras. Estamos constantemente puxando tapetes, desprezando e subtraindo realidades e formas de existência. Os sectarismos que marcam nossas posições, sejam quais forem, acrescentam “ainda mais ruínas às ruínas, mais fumaça à fumaça” (LATOURE, 2020, p. 178). Os sectarismos são, segundo Paulo Freire (1987), obstáculos à emancipação humana.

O crítico não é aquele que desmascara, mas aquele que agrega. O crítico não é aquele que tira o tapete debaixo dos pés dos crédulos ingênuos, mas quem oferece aos participantes arenas nas quais podem se reunir. O crítico não é quem alterna aleatoriamente entre antifetichismo e positivismo, como o iconoclasta bêbado desenhado por Goya, mas aquele para quem, se algo é construído, então significa que é frágil e, portanto, requer muito cuidado e cautela. (LATOURE, 2020, p. 200)

As questões levantadas pelo antropólogo francês dialogam com as verdades tranquilizadoras, estabilizadoras, “válidas de uma vez por todas”, de que fala Alyne Costa (2021). O fenômeno do negacionismo, da pós-verdade, do descrédito em relação à ciência não seriam frutos importantes de nossos sectarismos? Seria uma verdade suficiente dar-mos conta de que os sectarismos não estariam apenas em afirmar notícias falsas, nos discursos que equiparam ciência e opinião, mas que vigoram-se na imposição de verdades, na falta de diálogo, no apego às ideias confortáveis, na repetição acrítica, em todo e qualquer dogmatismo – inclusive o científico? Se uma verdade suficiente envolve produção de comunidade, e a produção de verdades demanda engajamento e partilha social, aos negacionismos e outros sectarismos contrapõe-se o diálogo, em sentido ampliado: que desinvista as diferentes formas e nuances de poder e esferas de reprodução. Segundo Freire (1987), a manipulação e o dirigismo são instrumentos de dominação: se no outro só se vê a ignorância, o erro e a falta, como é possível dialogar?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até



me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? (FREIRE, 1987, p. 52).

Ao tomarmos uma direção de engajamento, cuidado e emancipação, como veiculam as reflexões de Costa (2021), Latour (2020) e Freire (1987), faz sentido empreender diálogos, multiplicações de perspectivas e dimensões, tentativas de fuga dos pensamentos únicos, universalizáveis, sectários. Segundo Latour, o “parêntese moderno” – que separa o mundo dos objetos e o mundo dos sujeitos e das subjetividades, ou o mundo da natureza do mundo das e dos humanos – fechou: os objetos vão retomando seus atributos de coisas, agregadas novamente às suas multidimensionalidades.

A teimosia dos fatos, na cena habitual do oponente intransigente – “O objeto existe, quer você goste ou não” –, é bem parecida com aquela dos manifestantes políticos de direita: “Brasil, ame-o ou deixe-o”, quer dizer, um substituto muito ruim para qualquer tipo de existência vibrante, articulada, robusta, decente e duradoura. (LATOURE, 2020, p. 199).

Num país que encontra-se politicamente polarizado, como se esquerda e direita fossem formas puras, quase espécies diferentes, não é raro que cada um desses pólos se ache detentor da fórmula mágica (e pura) para um projeto de país: digladiam-se, ambos, por sua verdade – sabemos que há diferenças importantes, especialmente no que tange a quem coloca no centro das discussões os direitos humanos, a igualdade perante a lei, a equidade nas oportunidades etc., mas em que medida tratar essas questões de forma tão sectária e dogmática tem, por exemplo, fortalecido nossa democracia? Da mesma forma que consideramos de ingênuo a estúpido quem se recusa a vacinar, também nos recusamos a investigar as implicações de nosso consumo de carne, e de outras posturas e crenças *sagradas* – portanto intocáveis! Dar-se conta desses distintos lugares que ocupamos traz mais humildade, segundo Freire (1987), imprescindível ao diálogo.

No lugar de desmascarar e destituir, é possível cuidar; multiplicar, em vez de excluir: acrescentar mais realidade aos *fatos* e *objetos*, no lugar de subtrair. Pensar implicações no lugar de atribuir “certo” ou “errado”, de forma excludente e moralizante. Reunir, segundo Latour (2020), compõe esse movimento de reagregar as coisas. Importa, aqui, salientar que o diálogo, a escuta e a abertura de espaços para agregar realidades aos *fatos* não visam suplantam indignações, não defendem comedimentos brancos, neutros e insípidos. Abrir mão de certezas pré-estabelecidas não prescinde de estarmos seguros dos perigos de alguns discursos e, portanto, questioná-los. Cuidar envolve não assumir uma postura “tanto faz”, não deixar de dizer, mas dizer admitindo outras perspectivas, somando-se a elas, “valendo-nos não da negação, que é a arma empregada pelo inimigo, mas da



atenção aos meios de construir e manter realidades boas o bastante para nós e para os seres que fazem conosco essa Terra que, apesar de única, está longe de ser unívoca” (COSTA, 2021, p. 47). O propósito passa ao largo de passar mãos em cabeças, muito pelo contrário, dedica-se a desassossegar, desestabilizar submissões e os confortos das “verdades de uma vez por todas”.



Figura 4 – Fonte: <https://suburbanodigital.blogspot.com/>

COSTURANDO CONSIDERAÇÕES

[...] uma ideia de verdade ancorada no cientificismo não convém nem para caracterizar o modo como mundos heterogêneos negociam suas divergências, nem para combater aqueles que lucram com o colapso ambiental.

COSTA, 2021, p. 47

Durante minha graduação, após alguns anos de convivência, alguns de meus colegas de turma costumavam brincar com minha mania de problematização, dizendo-me “do contra”. Eu costumava criticar enfaticamente algumas de suas opiniões e posturas, as que considerava talvez conservadoras ou preconceituosas. Acontece que me passou algo emblemático: quando surgia algum tema polêmico, era comum que alguém dissesse, meio brincando, meio a sério: “ih, não fala não, a Élide está aqui!”. Trago esse relato para essas considerações para acrescentar realidades ao texto: certa do meu “dever ético” ou “civil” de conscientizar, de desconstruir padrões e discriminações, de construir outros mundos e (...), no lugar de produzir engajamento e possibilitar a sustentação de outras verdades, no lugar de produzir interesse e aproximar, eu os afastava. O



assunto, a opinião, a postura, não deixavam de existir, mas afastavam-se ainda mais das possíveis trocas e deslocamentos. Mútuos.

Para construir a solidez de que julgamos necessitar as verdades suficientes, tecendo cuidado e confiança, é preciso suspender o próprio entendimento de crítica. Cultivar uma atitude de vigilância aos efeitos e implicações mais do que à certeza de um discurso. Tomar a verdade como composição, sem que se determine o pertencimento a ela através da comparação com a sua correspondência em relação à “realidade objetiva”, tampouco somente pela afirmação de uma convicção subjetiva, segundo sua conveniência. Como bem coloca Costa (2020), cumpre deslocar a ontologia da verdade e inscrevê-la na política. Desinvestir o estabelecimento da verdade e do *erro-acerto*, tributários dessa ciência hegemônica e etnocêntrica de que vimos falando, é mister quando buscamos uma ciência que seja emancipadora, que caminhe para, reconhecendo os paradigmas que a formatam, transformá-los numa prática científica subversiva, contra-hegemônica.

Dessa maneira, afirmar que só há negacionismo fora da ciência (ocidental e eurocêntrica), não admitindo os sectarismos que são produzidos em seu bojo, é bastar-se como instrumento crítico e fechar-se ao diálogo. Para chegarmos a questões de interesse, às verdades suficientes e sustentá-las, produzir confiança, é necessário diálogo, ampliação dos debates, partilha social, formação de comuns.

Bibliografia

AULER, D.; DELIZOICOV, D. Investigação de temas CTS no contexto do pensamento latino-americano. **Linhas Críticas**, vol. 21, núm. 45, mayo-agosto, 2015, pp. 275-296. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

BARCELLOS, M. Ciência não autoritária em tempos de pós-verdade. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 3, p. 1496-1525, dez. 2020.

COSTA, A. Da verdade inconveniente à suficiente: cosmopolíticas do antropoceno. **Cognitio-estudos: Revista Eletrônica de Filosofia**, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 18, nº.1, janeiro-junho, 2021, p.37-49.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. [1636]. São Paulo: Martins Fontes. Tradução Maria Ermantina Galvão. 2.ª ed., 1996. Cap. 4 e p. 69.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



_____. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

_____. A África ensinando a gente : Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe / Paulo Freire, Sérgio Guimarães. — 2. ed. - São Paulo : Paz e Terra, 2011

GRAGNANI, J. Agronegócio banca palestras que espalham mito de que aquecimento global pelo homem é fraude. BBC News Brasil, 18 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59310009>>. Acesso em 18 nov. 2021.

GROSFUGUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Rev. Sociedade e Estado**. Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, Abr. 2016 .

LATOUR, B. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v.29, n.46, p.173-204, jan.- jun.2020

ROSA, K., ALVES-BRITO, A., PINHEIRO, B. C. S. Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 3, p. 1440-1468, dez. 2020.

TAKIMOTO, E. **Como dialogar com um negacionista**. 1 ed. São Paulo: Livraria da Física, 2021.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Saúde – NUTES – Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: elidasribeiro@gmail.com.

²Referência ao estado de calamidade global devido à disseminação do novo coronavírus (COVID-19) especialmente a partir do ano de 2020, gerando mais de 5 milhões de mortes no mundo e mais de 600 mil no Brasil até a presente escrita.

³ As charges foram inseridas ao longo do texto no sentido de agregar linguagens e desestabilizar leituras.

⁴ Erika Takimoto (2021) compartilha em seu livro que inclusive Galileu desprezou as hipóteses de Kepler sobre a orbitação elíptica dos planetas ao redor do Sol por sua crença católica: relacionava o movimento circular à perfeição e eternidade do Criador.

⁵ Apoiada nas contribuições de Bruno Latour (1947 -) e de Boaventura de Souza Santos (1940 -).

⁶ O mesmo foi candidato à Deputado Federal pelo Partido Social Liberal (PSL) em 2018, não tendo sido eleito.